ISSN 1984-6924

temas livres

Sedimentação, erosão, abalos e erupção de imagens: Reprodução e transformação de representações sociais[1]

Ivan Paganotti

Resumo

O artigo propõe um entrelaçamento entre a análise de discurso crítica de Fairclough, a teoria das representações sociais de Moscovici e a semiosfera de Lotman. Sugere-se classificar a construção de sentido textual presente em narrativas jornalísitcas como reprodução (a "sedimentação" de estereótipos), dúvida (a "erosão" de pressupostos), negação ("abalos" nas bases da semiosfera) ou criação ("erupções" de novas idéias) de representações sociais.

Palavras-chave:
Representações sociais, Narrativa jornalística, Identidade

Sedimentation, erosion, earthquakes and eruptions of images: social representations' reproduction and transformation

Abstract

This article suggests a connection between Fairclough's critical discourse analysis, Moscovici's social representations theory and Lotman's semiosphere. The paper classifies the production of meaning in journalistic reports as reproduction (the "sedimentation" of stereotypes), questioning (the "erosion" of presupposition) denial ("earthquakes" in the basis of the semiosphere) or creation (the "eruption" of new ideas) of social representations.

Key words:
Social representations, Journalistic narrative, Identity

Sobre o autor
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (ECA-USP), pesquisa a produção do correspondente internacional Larry Rohter, do diário norte-americano The New York Times, no Brasil.
npe@cce.ufsc.br

Este artigo pretende sintetizar algumas das teorias sobre representações, identidades e narrativas jornalísticas. Por meio da análise de discurso crítica, procura-se discutir os principais temas e abordagens na construção de representações sociais e imagens presentes em narrativas jornalísticas, focando a reprodução e a transformação de estereótipos. Para isso, é necessário evidenciar os pontos de contato entre teorias aparentemente distantes, como a análise de discurso crítica da Fairclough (FAIRCLOUGH, 1992), a semiosfera de Iuri Lotman (LOTMAN, 1996), as representações sociais de Moscovici (MOSCOVICI, 2007) e as construções narrativas jornalísticas (MOTTA, 2005).

A narrativa jornalística oscila entre dois recursos textuais, que refletem a dicotomia da sua finalidade social: como toda história, retrata e representa visões sobre o funcionamento da sociedade, descrevendo papéis e recomendando atuações modelo para seu público; ao mesmo tempo, precisa romper com a simples perpetuação de modelos pré-concebidos, pois deve criar expectativa de mudanças ao retratar conflitos (o que suscita o interesse do público).

Toda narrativa usa como base o conflito (MOTTA, 2005, p.6), ao mesmo tempo em que comunica um repertório comum de valores socialmente referendados (MOSCOVICI, 2007, p.208). Textos jornalísticos são objetos privilegiados para a análise desses dois processos tão opostos quanto simultâneos porque procuram construir representações da realidade (de forma mais reprodutiva, por meio da descrição ou da explicação dissertativa), ao mesmo tempo em que narram seus conflitos (seguindo um processo transformador e narrativo).

As narrativas jornalísticas constroem representações sociais que são tomadas como estáveis e perenes retratos da realidade, mas que podem ser transformadas pela própria construção de novas narrativas que alterem ou neguem representações anteriormente vistas como sólidas e funcionais (*idem*, *ibidem*, p.205).

Com base na imagem espacial da semiosfera (o espaço para o desenvolvimento, preservação, criação e vivência de signos) desenvolvida por Lotman (LOTMAN, 1996), este artigo propõe um paralelo com a geofísica para classificar a construção de sentido proveniente de textos que procuram **reproduzir** (por meio da "**sedimentação**", ou acúmulo de camadas de textos com sentidos complementares ou redundantes), **duvidar** (pela "**erosão**" de conceitos aceitos socialmente), **negar** (como "**abalos**" sísmicos, que afetam a estrutura da semiosfera ao romper suas fundações) ou **criar** (por meio de repentinas e imprevisíveis "**erupções**" vulcânicas de novas idéias) representações sociais.

Análise de narrativas jornalísticas: conflito e reprodução

Como fábulas contemporâneas, as narrativas jornalísticas precisam criar interesse por meio da tensão narrativa ao contar os conflitos entre seus personagens. Simultaneamente, precisam retratar as relações sociais atuais, apresentando a estrutura em

[1] Este artigo é fruto de trabalho apresentado na I Jornada Acadêmica da PPGCOM-USP, promovida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), no dia 24 de outubro de 2008.

que os conflitos de interesse tomam parte. Entre rupturas e estruturas, entre narrações e descrições, entre conflitos e perpetuações, o jornalismo joga com o interesse do leitor de ouvir boas histórias, entremeadas com a representação da realidade.

Entre os passos metodológicos apresentados por Motta para a análise narrativa de textos jornalísticos, os dois primeiros procedimentos envolvem a "recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico" que originou a reportagem (MOTTA, 2005, p.4) e a "identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios" (*idem*, *ibidem*, p.5) – ou seja, a reconstrução da estrutura narrativa dos fatos em que a reportagem se baseia e a descrição das estratégias narrativas utilizadas pelo repórter na sua composição dentro de determinado gênero jornalístico. Assim, fica evidente a importância das "rupturas, descontinuidades e anormalidades" (*idem*, *ibidem*) para os relatos jornalísticos, pois a própria definição de uma notícia passa, invariavelmente, por um fato diferente, conflituoso, chocante ou que sugira mudanças.

Ao mesmo tempo, outro procedimento dessa análise envolve a avaliação das "estratégias de objetivação" e "construção dos efeitos de real" (*idem*, *ibidem*, p.9), ancorando o relato em fatos narrados como verdades. A utilização por Motta dos conceitos de "objetivação" e "ancoragem" encontra seu referencial conceitual (ainda que sem citação direta no texto) na teoria das representações sociais de Moscovici. Para o psicólogo social romeno, representações sociais são construções cognitivas compartilhadas e difundidas socialmente, e tem como finalidade "tornar familiar algo não-familiar" (MOSCOVICI, 2007, p.54). Para isso, todas as idéias estranhas ou incomuns (ou seja, que não são reconhecidas socialmente como "familiares") passam por um mecanismo de ancoragem – ou seja, são nomeadas, reduzidas e classificadas em relação a contextos e conceitos familiares (*idem*, *ibidem*, p.61) – e objetivação – para que os conceitos abstratos sejam concretizados e materializados em imagens reconhecíveis (*idem*, *ibidem*, p.71).

Os processos de ancoragem e objetivação envolvem a perpetuação de estruturas pré-concebidas, por meio da assimilação e adaptação de novas idéias a conceitos anteriores e familiares. Apesar de as representações tenderem ao "conservadorismo, para a confirmação de seu conteúdo significativo" (*idem*, *ibidem*, p.207), é necessário ressaltar o caráter fluido, "móvel e circulante" das representações, que são vistas "como estruturas dinâmicas, operando em um conjunto de relações e comportamentos que surgem e desaparecem, junto com as representações" (*idem*, *ibidem*, p.47).

Dessa forma, a transformação de representações sociais é possível – e o jornalismo, ao caracterizar os processos de mudanças sociais, é terreno fértil para as alterações de conceitos enraiza-

Representações sociais são construções cognitivas compartilhadas e difundidas socialmente, e tem como finalidade "tornar familiar algo não-familiar"

dos socialmente ou para o contato entre idéias que não apresentam parentesco ou familiaridade. Motta lembra que as notícias tratam sempre de rupturas ou transgressões em relação a significados estáveis, pois "os jornalistas só destacam certos fatos da realidade como notícia porque esses fatos transgr*idem* algum preceito ético ou moral, alguma lei, algum consenso cultural" (MOTTA, 2005, p.14). Essa função vigilante do jornalismo pode parecer conservadora, pois procura criticar as transgressões – reafirmando, assim, o *status quo* –, mas não podemos esquecer que o próprio formato narrativo, com a construção da tensão pelo conflito, abre espaço para novas formas de representação social.

Para compreender essa vigilância normativa que coloca o jornalismo (e a mídia como um todo) como um "quarto poder", é necessário avaliar os pressupostos sugeridos pelo fundo ético e moral das reportagens, que envolve o "plano da estrutura profunda da narrativa" (*idem*, *ibidem*, p.14). O nível profundo – também conhecido como "fundamental" – dos textos envolve a valorização (euforia) ou condenação (disforia) de ações ou conceitos, e retrata os valores sociais ocultos sob a narrativa (FIORIN, 1989, p.20). A análise desse nível abstrato nos textos jornalísticos revela um mundo simbólico em que "o crime não compensa, a corrupção tem de ser punida, a propriedade precisa ser respeitada, o trabalho enobrece, a família é um valor supremo, a nação é soberana, e assim por diante" (MOTTA, 2005, p.15) – são essas as "morais das histórias" apresentadas pelas fábulas jornalísticas contemporâneas.

Da mesma forma, ao tipificar as manchetes de jornais, Gomes mostra que as notícias valorizam a ordenação socialmente construída ao priorizar atos do governo (representante institucional do consenso social) e condenar instabilidades ou infrações – ou seja, vigiando de forma disciplinadora os comportamentos que escapem às normas (GOMES, 2003, p.89). A sanção apresentada pelo ordenamento da realidade apresentada pelos meios de comunicação indica, para sua audiência, o que pode ser feito ou pensado, indicando as punições para os que não se enquadrarem.

A sanção apresentada pelo ordenamento da realidade apresentada pelos meios de comunicação indica, para sua audiência, o que pode ser feito ou pensado, indicando as punições para os que não se enquadrarem

Mesmo quando veste a capa e a máscara de vigilante, o jornalista não perde seu duplo papel apresentado anteriormente – para reforçar os valores correntes, precisa construir narrativas tensas que seduzam pelo conflito e pelo suspense. De um lado, o jornalista procura enfatizar as permanências: é o regulador que fiscaliza a aplicação das regras e convenções sociais, ou o ensaísta que flerta com a sociologia ao tentar retratar ou classificar fenômenos sociais. Do lado oposto a essa face prescritiva (tanto descritiva quanto dissertativa), está a atuação dinâmica (narrativa), que conta as histórias: são os pequenos dramas cotidianos, os conflitos de interesses, os desastres, as revoluções. O público,

com isso, é informado sobre o que se passa e o que já passou no mundo – ao mesmo tempo, a história é perpetuada e alterada nas páginas dos jornais.

Análise de discurso crítica de Fairclough: estratégias normativas e criativas

Para analisar e evidenciar a força de simplificação cognitiva presente nos estereótipos – e, quando necessário, propor alterações para diminuir seus efeitos mais nocivos de deturpação da realidade –, Fairclough apresenta, dentro da análise do discurso crítica, uma metodologia preciosa na identificação do senso-comum (FAIRCLOUGH, 1992, p.2). O teórico britânico evidencia a característica ideológica dos pressupostos e estereótipos, pois essas simplificações são usadas na manutenção das relações desiguais de poder dentro da sociedade (*idem*, *ibidem*, p.154). Relembrando a análise do nível profundo das narrativas jornalísticas de Motta, as pressuposições de que "o crime não compensa" e que "a propriedade precisa ser respeitada" (MOTTA, 2005, p.15) enfatizam uma visão da segurança social que favorece a propriedade e seus proprietários, controlando e punindo os grupos excluídos que tentam alterar esse cenário sem seguir as regras do jogo – roubando ao invés de dedicar-se ao trabalho, que "enobrece" (*idem*, *ibidem*).

A análise de discurso crítica é composta de três momentos: a descrição textual, a interpretação das práticas discursivas (de produção, distribuição e consumo) e a explicação das práticas sociais (FAIRCLOUGH, 2001). Ao focar as práticas discursivas – mas sem esquecer de considerar simultaneamente as sociais ou as marcas textuais –, Fairclough afirma que a análise de textos deve procurar reconstruir estereótipos, pressupostos e o senso comum que são referidos no texto (*idem*,1992, p.85-6) . *Estereótipos* são algumas das representações sociais mais comuns (como será discutido na seção a seguir), e são compostas de *imagens*. Segundo Maisonneuve, são "simplificações" ou uma "orientação seletiva de nossas percepções" que pode chegar a "distorções mais ou menos graves da realidade objetiva" (MAISONNEUVE, 1977, p.114).

Pressupostos funcionam com a ligação lógica que passa por premissas que não estão presentes no texto, mas que são *aceitas implicitamente*. Operam como os "entimemas", uma das etapas propostas na análise do horizonte, conhecimento e avaliação comuns aos grupos sociais envolvidos na comunicação (VOLOSHINOV, p.4). Já o *senso comum* trata de *valores socialmente aceitos* – ou, como definido por Arendt, funciona como a base do "discernimento que julga e o pensamento especulativo", pois une os homens entre ações e reflexões possíveis e aceitáveis (ARENDT, 1972, p.275).

Estereótipos* são algumas das representações sociais mais comuns (como será discutido na seção a seguir), e são compostas de *imagens

Apesar de alertar para a tendência dos estereótipos a se reproduzirem, a análise de discurso crítica adotada pelos seguidores de Fairclough também ressalta a possibilidade de alteração dessas representações sociais: "os diferentes discursos não apenas representam o mundo 'concreto', mas também projetam possibilidades diferentes da 'realidade', ou seja, relacionam-se a projetos de mudança de acordo com perspectivas particulares" (RESENDE & RAMALHO, 2005, p.42). As imagens cristalizadas pela difusão e reconhecimento social podem ser contestadas ou desafiadas pela contestação, discussão ou até mesmo negação de seus pressupostos (FAIRCLOUGH, 1992, p.154). Também é possível evitar a estratégia normativa (comumente responsável pela simples reprodução de pré-concepções) ao adotar práticas criativas, gerando novos conceitos que transformem ou entrem em conflito com pressuposições anteriores (*idem*, *ibidem*, p.165). Contudo, estudos ainda apontam a predominância da reprodução de estereótipos em artigos – que procuram retratar ou descrever situações estanques ou estruturas sociais – e notícias – que tem um caráter mais dinâmico e surpreendente ao narrar conflitos ou rupturas (PAGANOTTI, 2007[B]).

Ao difundir conceitos entre membros de grupos sociais, diminui-se a possibilidade de ruído, confusão ou incompreensão de sentidos que seriam, sem as representações sociais, vagos

Representações sociais: continuidade e transformação

Uma das formas de representações sociais mais simples e eficientes, os estereótipos e pressupostos funcionam como base para as narrativas. Sua reprodução tem um efeito acumulador que dificilmente pode ser combatido por poucos textos que tentem colocá-los em dúvida, transformá-los ou até mesmo negá-los. Como uma manifestação micro-textual de "discursos competentes", essas imagens mentais ocultam suas origens, sua base ideológica e sua finalidade opressora ao mesmo tempo em que são reconhecidos socialmente como válidos e até mesmo neutros (CHAUI, 2005, p.16). Ainda assim, precisamos reconhecer a necessidade desses mecanismos de simplificação na difusão social e na comunicação de conceitos mais complexos, pois criam um repertório comum acessível para os membros de um mesmo grupo social (MOSCOVICI, 2007, p.208).

Uma explicação plausível para a predominância da repetição sobre a transformação de representações sociais é dada por Duveen, quando afirma que as representações sociais são meios para proteger grupos coletivos contra a fragmentação, mantendo a coesão dos laços usados na construção de sentido (DUVEEN, 2007, p.14). Bases comuns são essenciais não somente à convivência social, mas para a simples comunicação entre indivíduos: "as pessoas adquirem um repertório comum de interpretações e explicações, regras e procedimentos que podem ser aplicadas à vida cotidiana, do mesmo modo que as expressões lingüísticas

As regiões de contato fronteiriço definem e protegem os espaços ao evidenciar o contraste com culturas diferentes

são acessíveis a todos" (MOSCOVICI, 2007, p.208). Ao difundir conceitos entre membros de grupos sociais, diminui-se a possibilidade de ruído, confusão ou incompreensão de sentidos que seriam, sem as representações sociais, vagos, o que impossibilitaria a própria comunicação (*Idem*, *ibidem*).

Apesar disso, Moscovici alerta para a "fossilização" de certas representações que tem sua origem "esquecida e sua natureza convencional ignorada" (MOSCOVICI 2007, p.41). Dessa forma, a psicologia social deveria atuar como a arqueologia, reconstruindo as origens, o funcionamento e as relações de representações que atravessam o tempo – assim como é necessário desconstruir os "discursos competentes" que parecem não ter origem nenhuma exatamente para camuflar os interesses que o geraram (CHAUI, 2005, p.16). Duveen reforça essa idéia e afirma ser essencial também focar os grandes eventos dramáticos ou ameaçadores que alteram toda a ordem cognitiva – grandes fatos como a queda do muro de Berlim, das torres gêmeas do *World Trade Center* ou a propagação da ep*idem*ia da Aids, eventos surpreendentes que redefiniram as sociedades (DUVEEN, 2007, p.16). Segundo o autor, "dentro de qualquer cultura há pontos de tensão, mesmo de fratura, e é ao redor desses pontos de clivagem no sistema representacional duma cultura que novas representações emergem" (DUVEEN, 2007, p.15-6).

Semiosfera de Lotman: auto-definições, explosões e erupções de conceitos novos

Para controlar esses pontos de tensão, retomamos o referencial teórico da semiosfera de Lotman. Um dos pontos de tensão da semiosfera é a região de fronteira e contato com outras semiosferas externas. O espaço de clivagem mencionado anteriormente é definido por um limite, ou fronteira, que separa "o território entre a cultura própria, boa e harmoniosa e a má, caótica ou mesmo perigosa anti-cultura" (NÖTH, 2007, p.87). Para traduzir as influências externas, as fronteiras separam os espaços semióticos de culturas diferentes e filtram as mensagens que lhe são estranhas – ou não-familiares, como diria Moscovici. Assim, as regiões de contato fronteiriço definem e protegem os espaços ao evidenciar o contraste com culturas diferentes: "a auto-construção da semiosfera não apenas se estende à construção de sua própria fronteira, como também o 'caos' que a rodeia, o caos que faz a própria estrutura interna parecer mais ordenadamente" (*idem*, *ibidem*, p.92).

Internamente, outro ponto de tensão envolve a auto-representação da cultura como um espaço homogêneo / unitário ou heterogêneo / miscigenado. Fiorin afirma que existem duas grandes condutas das semiosferas: o princípio de exclusão e o de

participação. A exclusão, operacionalizada pela triagem do que não é pertinente, leva ao confronto contra o impuro. Por outro lado, a participação aceita a mistura, mas ainda afirma a oposição entre desiguais e iguais (FIORIN, 2007, p.176). Essa duas formas de conflito são cruciais para entender sociedades como a brasileira, em que representações sociais "oficiais" tentam retratar a sociedade como inclusiva, enquanto práticas cotidianas deixam claro o abismo entre desiguais e excluídos – um conflito que pode ser ocultado ou evidenciado pelas narrativas jornalísticas. Essas estratégias apresentadas por Fiorin são semelhantes às polêmicas discutidas por Maingueneau: falsos consensos são construídos para negar a origem de discursos em determinados grupos sociais, que podem relacionar-se de forma assimiladora – diminuindo dissonâncias – ou radical – demarcando diferenças (MAINGUENEAU, 1989, p.122).

Seja nas narrativas jornalísticas ou em qualquer outra veiculação midiática, a difusão ou ocultação de conflitos faz parte da luta pela construção, apropriação e destruição de objetos e sentidos (ARÁN, 2007, p.148). Esses confrontos podem ocorrer (ou serem retratados) de forma mais direta ou oblíqua, mas ainda assim são o pano-de-fundo das narrativas. Ao aproximar e diferenciar as teorias de Lotman e Bakhtin, Arán enfatiza os processos de mudança de significação na semiosfera, que pode ocorrer de forma gradual e previsível pela continuidade, ou como uma "explosão" repentina e imprevisível, "uma mudança brusca ou violenta dos sistemas culturais" (*idem*, *ibidem*, p.152). A descrição desses processos e a diferença entre os seus tempos de atuação possibilitam um paralelo com a sedimentação e a erosão geológica (formas de continuidade) ou com abalos sísmicos e erupções vulcânicas ("explosões") – a seção seguinte esboça essa geofísica da semiosfera.

É necessário recuperar a semiosfera de Lotman, construindo um paralelo com conceitos da geofísica para caracterizar processos de transformação ou reprodução de representações sociais nesse espaço

Novo quadro conceitual: sedimentação, erosão, abalos e erupção de imagens

A metáfora atmosférica empregada por Moscovici (2007, p.47) pode ser bastante útil para visualizar camadas de representações sociais fluidas e interconectadas, mas a classificação desses fenômenos seguindo essa visão seria tão imprecisa quanto a nossa claudicante meteorologia. Estereótipos e pressupostos apresentam uma cristalização bastante resistente às mudanças, que parecem ser a exceção – como mostra a predominância da reprodução dessas construções cognitivas em textos da mídia internacional (PAGANOTTI, 2007[B], p.9). Para utilizar uma imagem mais sólida do que as etéreas correntes de ar, é necessário recuperar a semiosfera de Lotman, construindo um paralelo com conceitos da geofísica para caracterizar processos de transforma-

ção ou reprodução de representações sociais nesse espaço – que, apesar de não se restringir ao geográfico, apresenta uma "física" na relação entre suas forças, que são classificadas a seguir:

– *Sedimentação*: Representações sociais recorrentes e reconhecidas coletivamente como válidas são reproduzidas e acumuladas ao longo do tempo. Camadas de texto repetem e reforçam as representações sociais com pequenas alterações, como camadas sedimentares que apresentam pequenas distinções entre suas fases. Esse fenômeno engloba a estratégia normativa da reprodução de conceitos pré-estabelecidos detalhada anteriormente (FAIRCLOUGH, 1992, p.165).

– *Erosão*: Conceitos chaves de uma cultura podem ser alterados gradualmente de forma a serem atenuados ou colocados em dúvida. Por meio desse processo lento e contínuo, grandes conceitos centrais de uma cultura começam a perder características periféricas complementares (MOSCOVICI, 2007, p.219) – como picos pontiagudos que são gradativamente arredondados pela ação do vento. É importante frisar que os sedimentos resultantes dessa erosão são re-acumulados em nova sedimentação, criando também um efeito gradual de reprodução – uma repetição de sutis contestações.

– *Abalos*: Representações sociais podem sofrer reorganizações abruptas, mas limitadas, ou até mesmo ser negadas por textos que operam como "tremores sísmicos" na estrutura de significação da semiosfera. Esses são textos pioneiros, que procuram refazer a visão da sociedade sobre certos temas, mas que tem alcance e impacto restritos a certas esferas (como textos acadêmicos, ou publicados em veículos especializados). Essas novas formas de representação emanam dos pontos de tensão e fratura descritos anteriormente (DUVEEN, 2007, p.16; NÖTH, 2007, p.87; FIORIN, 2007, p.176).

– *Erupção*: Em situações extremas, novos conceitos e representações sociais podem ser criados ou reorganizados de forma repentina e imprevisível – como as "explosões" de Lotman, que caracterizava a arte como o espaço mais propício para essas rupturas radicais (LOTMAN *apud* ARÁN, 2007, p.152). Envolvem também as práticas criativas, descritas pela análise de discurso crítica (FAIRCLOUGH, 1992, p.165).

– *Metamorfose*: Representações sociais também podem ser transformadas para acompanhar mudanças gerais da própria sociedade, como a "pressão" de certos grupos que têm interesse na adaptação dessas representações, ou devido a alterações políticas – que podem "esquentar" ou "esfriar" alguns conceitos, difundindo ou controlando visões que lhes sejam favoráveis ou contrárias. Essas versões conflitantes envolvem as pressões internas entre grupos diferentes ou conflitantes (FIORIN, 2007, p.176), que

Em situações extremas, novos conceitos e representações sociais podem ser criados ou reorganizados de forma repentina e imprevisível – como as "explosões" de Lotman

lutam pelo apoio da esfera pública pelos jornais (ARÁN, 2007, p.148), e as diferenças entre polêmicas mais "quentes" – radicais – ou "frias" – assimiladoras (MAINGUENEAU, 1989, p.123).

Tabela 1. Quadro resumo sobre processos semiosféricos.

Processo semiosférico	Velocidade / Duração	Função / *Gênero*	Efeito sobre as Representações Sociais	Representação Resultante
Sedimentação	Gradual / Longo prazo	Continuidade / *descritivo*	Reprodução	Sedimentar
Erosão		Transitoriedade / *narrativo-descritivo*	Atenuação / Questionamento	
Abalos	Repentina / Curto prazo	Conflito / *narrativo*	Transformação / Negação	Magmática
Erupção		Conflito / *narrativo*	Transformação / Criação	
Pressão / Aquecimento / Resfriamento	Variável	Conflito / *narrativo*	Transformação / Alteração	Metamórfica

Essa classificação propõe um entrelaçamento entre conceitos e teorias complementares (como a análise de discurso crítica de Fairclough, a teoria das representações sociais de Moscovici, o conceito de semiosfera de Lotman e a teoria narrativa de Motta), numa metáfora geofísica simples, resumida na Tabela 1.

A Tabela 1 também apresenta as diferentes funções desses processos geofísicos da semiosfera: os diferentes textos podem buscar a continuidade, a transitoriedade ou o conflito entre representações ou atores sociais. A cada função corresponde um gênero discursivo próprio, como discutido anteriormente, de predominância narrativa ou descritiva. Os processos também apresentam efeitos que seguem a classificação de Fairclough, discutida anteriormente, entre a reprodução de pressupostos e estereótipos ou sua transformação por meio da atenuação ou questionamento, sua alteração, sua negação, ou pelo processo criativo que envolve novos conceitos.

Ainda seguindo a metáfora geofísica da análise do espaço da semiosfera, as representações sociais advindas desses processos geológicos poderiam ser classificadas – como as novas formações rochosas delas resultantes – entre **magmáticas** (resultados das "explosões" repentinas de Lotman, como os abalos e as erupções), **sedimentares** (resultado dos processos graduais de erosão e da sedimentação, também descritos por Lotman como a "continuidade") e **metamórficas** (resultado de transformações em conceitos anteriores devido a mudanças sociais, num processo análogo ao que leva à criação das rochas de mesmo nome, que sofreram alterações devido a mudanças de pressão ou temperatura).

Análise: a democracia racial, de modelo da sociedade brasileira a polêmica contestada

Para exemplificar o processo descrito anteriormente, trataremos de uma representação social bastante comum em textos que tratam da realidade brasileira em textos jornalísticos: a visão que mostra o país como uma "democracia racial". A expressão foi usada pela primeira vez pelo intelectual Arthur Ramos, durante

A cada função corresponde um gênero discursivo próprio, como discutido anteriormente, de predominância narrativa ou descritiva

uma conferência em 1941, nos Estados Unidos, mas sua difusão é atribuída a Gilberto Freyre – que, em 1937, tratava de categorias social, econômico e étnico da democracia. Vieira (2008, p.22) analisa a criação, difusão e crítica dessa expressão desde a emergência – ou, na metáfora aplicada por este artigo, a "erupção" – desse conceito no mundo intelectual.

Esse conceito surge no meio científico e é apropriado por um grupo social que pretende difundir, de forma hegemônica, essa forma de auto-definição da sociedade brasileira. Assim, do processo de "erupção" desse novo conceito – que, desde sua criação, apresentava a força e a amplitude de uma verdadeira cordilheira – passa-se à sedimentação, ou seja, à sua difusão e reprodução para consumo massivo. Nesse processo, o conceito original pôde ser banalizado e simplificado – assim como as montanhas precisam ser erodidas para o acúmulo sedimentar em terrenos mais baixos. Novos textos passam a "acumular" e reproduzir esse conceito em novos grupos sociais (como novas camadas de textos, sobrepondo-se e reforçando-se mutuamente). Como analisado por Vieira, a democracia racial "pode ser entendida como o projeto ideológico que pretendia fazer dos cidadãos brasileiros um povo único, ainda que com pinceladas de mitos, sendo que alguns deles foram tão repetidos que viraram realidade" (*idem*, *ibidem*, p.56). Assim, foi criado um modelo que explicava e valorizava a mestiçagem, ao mesmo tempo em que versões simplificadoras desse conceito tentavam dissuadir protestos ou contra esse modelo de inserção social.

Os primeiros "abalos sísmicos" nesse continente que representava a "democracia racial" brasileira surgem em 1950, com os estudos da UNESCO que quantificavam as desigualdades sociais no país passam a mostrar que a "democracia racial como meta ainda estava muito distante de ser conquistada" (*idem*, *ibidem*, p.78). Nos anos 1970, grupos organizados como o Movimento Negro Unificado, a Frente Negra Brasileira e o Teatro Experimental do Negro passam a pressionar por mudanças nessa representação, adotando conceitos antagônicos, como o do "quilombismo" (*idem*, *ibidem*, p.72-3).

Nesse contexto, podemos compreender porque essa representação pode atualmente ser negada – foram décadas de erosão, abalos e erupções de conceitos antagônicos que diminuíram a força hegemônica dessa representação particular. Outros estudos, que analisam a especificidade da produção de jornalistas que trabalham como correspondentes internacionais no Brasil, mostram uma tendência para a reprodução de estereótipos no país, pois sua função principal é explicar, e não tanto problematizar a realidade de nações distantes de seus leitores. Entre 2002 e 2005, uma amostra de 1244 reportagens de correspondentes de sete

Outros estudos mostram uma tendência para a reprodução de estereótipos no país, pois sua função principal é explicar, e não tanto problematizar a realidade de nações distantes de seus leitores

diários internacionais apresentava 676 textos (54,3%) com estereótipos sobre o país. Desses, 585 textos (86,5%) reproduziam imagens relacionadas com "tráfico de drogas", "insegurança" e "corrupção". Somente 91 textos (13,5%) transformavam ou negavam esses estereótipos (PAGANOTTI, 2007[B], pp.8-9).

A única representação do Brasil que apresentou maior freqüência de transformações do que de reproduções foi a do país como uma "democracia racial" – oito textos transformavam a imagem de miscigenação harmoniosa, e somente um a reproduzia (PAGANOTTI, 2007[A], pp.202-203).

Conclusão: por um estudo da dinâmica das representações sociais

Este artigo buscou unir e discutir teorias que envolvem o estudo dinâmico da evolução de representações difundidas por meio de textos. Em primeiro lugar, é necessário compreender como narrações constroem tensão ao mesmo tempo em que calcam suas histórias em fundos morais comuns, reafirmando-os (MOTTA, 2005). Para isso, é necessário compreender os processos psicossociais que definem a construção, a aceitação e a transformação de representações socialmente difundidas (MOSCOVICI, 2007). Da mesma forma, é importante compreender as áreas de influência e aceitação dessas representações dentro de semiosferas que apresentam processos distintos de criação, reprodução e significação de signos (LOTMAN, 1996). A partir de uma análise crítica de textos, suas práticas discursivas e sociais (FAIRCLOUGH, 2001), foi criado um novo quadro conceitual para agregar os processos semiosféricos (de sedimentação, erosão, abalos, erupção, pressão, aquecimento e resfriamento de conceitos), sua velocidade (gradual ou repentina), duração (longo ou curto prazo), função (continuidade, transitoriedade ou conflito), seu gênero predominante (descritivo, narrativo), seu efeito sobre as representações sociais (reprodução, atenuação, questionamento, transformação, negação e criação) e as suas representações resultantes (sedimentares, magmáticas ou metamórficas).

Essa metáfora geofísica dos processos de significação e representação dinâmica da realidade pode ser útil tanto para finalidades didáticas – ao agregar teorias, mostrando seus pontos de contato para estudantes de ciências da comunicação – quanto acadêmicas – pois aponta para novos caminhos de articulação entre essas teorias e para novas possibilidades de pesquisa segundo o quadro conceitual proposto.

Referências

ARENDT, Hannah. A Crise na cultura: sua importância social e política. In: Entre o passado e o futuro. São Paulo, Perspectiva, 1972. pp.248-281.

ARÁN, Pampa Olga. O (im)possível diálogo Bakhtin-Lótman: para uma in-

terpretação das culturas. In: MACHADO, Irene (org). Semiótica da Cultura e Semiosfera. São Paulo: Annablume, 2007. pp.145-156.
CHAUI, Marilena. Cultura e democracia – o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 2005.
DUVEEN, Gerard. O poder das idéias. In: MOSCOVICI, Serge. Representações sociais – investigações em psicologia social. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007. pp.7-28.
FAIRCLOUGH, Norman. Language and Power. Londres: Longman, 1992 [1989].
_____. Discurso e mudança social. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.
FIORIN, José Luiz. Elementos de análise do discurso. São Paulo: Contexto & Edusp, 1989.
_____. Relações entre sistemas no interior da semiosfera. In: MACHADO, Irene (org). Semiótica da Cultura e Semiosfera. São Paulo: Annablume, 2007. pp.175-204.
GOMES, Mayra Rodrigues. Poder no jornalismo. São Paulo: Hacker Editores & Edusp, 2003.
LOTMAN, Iuri. "Acerca de la semiosfera" In: La semiosfera I – Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996. pp. 21-42.
_____. "Sobre o problema da tipologia da cultura". In: SCHNAIDERMAN, Boris (org). Semiótica russa. São Paulo: Perspectiva, 1979. pp. 31-41.
MAINGUENAU, Dominique. Novas tendências em análise de discurso. Campinas: Pontes, 1989.
_____. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2005.
MAISONNEUVE, Jean. "Opiniões e Estereótipos". In: Introdução à Psicossociologia. São Paulo, Edusp, 1997. pp.110-125.
MOSCOVICI, Serge. Representações sociais – investigações em psicologia social. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.
MOTTA, Luiz Gonzaga. A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. In: Anais do XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), Rio de Janeiro, 05-09/setembro, 2005. São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.
NÖTH, Winfried. Iúri Lótman: culturas e suas metáforas como semiosferas auto-referenciais. In: MACHADO, Irene (org). Semiótica da Cultura e Semiosfera. São Paulo: Annablume, 2007. pp.81-95.
PAGANOTTI, Ivan. "Uma certa libertinagem, muito carnaval e um pouco de pecado" – O Brasil dos correspondentes internacionais [Trabalho de Conclusão de Curso]. São Paulo: ECA-USP, 2007[A].
_____. Imagens e estereótipos do Brasil em reportagens de correspondentes internacionais. Revista Rumores. Vol. 1 (1), 2007[B].
RESENDE, Viviane; RAMALHO, Viviane. Análise de discurso crítica: uma reflexão acerca dos desdobramentos recentes da teoria social do discurso. Revista Latinoamericana de Estudos do Discurso. Vol. 5 (1), 2005. pp.27-50.
RESENDE, Viviane; RAMALHO, Viviane. Análise de discurso crítica. São Paulo: Contexto, 2006.

VIEIRA, Vinicius Rodrigues. Democracia racial, do discurso à realidade: caminhos para a superação das desigualdades sociorraciais brasileiras. São Paulo, Paulus, 2008.
VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich (BAKHTIN, Mikhail). "O discurso na vida e o discurso na arte". Tradução para uso didático feita por C. Tezza e C.A. Faraco [mimeo].

Recebido em 10 de setembro de 2009
Aprovado em 29 de setembro de 2009